

**ADAPTAÇÃO DO INVENTÁRIO DE TEMPERAMENTO
PARA CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR
– SCHOOL-AGE TEMPERAMENT INVENTORY – SATI
DE McCLOWRY A UMA POPULAÇÃO PORTUGUESA**

Lígia Lima¹, Marina Serra de Lemos² & Marina Prista Guerra²

¹Escola Superior de Enfermagem do Porto

²Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade do Porto

RESUMO: No presente artigo são descritos os processos de tradução e adaptação do *School-Age Temperament Inventory* (McClowry, 1995). Procurou-se ainda caracterizar o temperamento de uma amostra de crianças entre os 8 e os 12 anos de idade, bem como estudar diferenças de sexo e de idade. A versão portuguesa revelou possuir qualidades psicométricas satisfatórias e semelhantes às do instrumento original. Os resultados obtidos indicam que não existem diferenças entre idades, mas que relativamente ao sexo, existem diferenças na dimensão actividade, no sentido em que os rapazes demonstram possuir um nível de actividade superior ao das raparigas. O instrumento permite ainda traçar perfis temperamentais, o que se pode revestir de particular interesse no domínio da intervenção da psicologia clínica e da saúde infantil.

Palavras-chave: Adaptação, Avaliação de temperamento, Crianças.

**ADAPTATION OF THE SCHOOL-AGE TEMPERAMENT INVENTORY –
SATI TO A PORTUGUESE POPULATION**

ABSTRACT: The article describes the adaptation and validation of the *School-Age Temperament Inventory* (McClowry, 1991) in a sample of Portuguese children aged 8 to 12. The authors also aimed to describe the children's temperament and to examine age and gender differences. The Portuguese version of SATI showed good psychometric properties and similar structure matching the dimensions proposed by the author of the original scale. Results also revealed gender differences suggesting higher levels of activity in boys than girls. Moreover the instrument allows the identification of children's temperament profiles which can help in designing targeted clinical and educational interventions.

Keywords: Adaptation, Children, Temperament's assessment.

Recebido em 28 de Novembro de 2008/ Aceite em 14 de Janeiro de 2009

O estudo do temperamento tem-se tornado progressivamente mais comum no domínio da psicologia clínica e da saúde infantil, na medida em que se tem vindo a demonstrar que este pode constituir um factor de risco ou protecção em situações em que o desenvolvimento da criança possa estar ameaçado, como por exemplo pela presença de uma doença do tipo crónico (McClowry, 1995). No entanto, existe ainda um leque muito restrito de instrumentos disponíveis no nosso país para a avaliação

deste domínio, que suportem quer a actuação no campo clínico quer no da investigação da Psicologia Pediátrica.

A versão original do SATI (*School-Age Temperament Inventory*) foi já estudada com diversas amostras de diferentes origens sócio-culturais tendo-se confirmado a sua validade e fidelidade. No estudo que se apresenta examinam-se as características psicométricas da versão portuguesa do instrumento. Procurámos também tipificar o temperamento de uma amostra de crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos de idade assim como estudar diferenças de sexo e de idade.

TEMPERAMENTO

Existem múltiplas definições de temperamento, assim como diferentes concepções quanto à sua estrutura e componentes e ainda quanto à sua avaliação (Carranza & Salinas, 2003; Goldsmith et al., 1987). Parece no entanto consensual considerar que o temperamento é um constructo constitucional e com base biológica que está subjacente ao estilo comportamental característico do indivíduo (Chess & Thomas, 1986 cit in Benchell & Glasgow, 1997) e que se mantém constante em diferentes contextos (McClowry, 1995), embora seja mais facilmente observável em situações novas e/ou stressantes. O temperamento é também frequentemente conceptualizado como sendo parte de algo mais abrangente, que é a personalidade (Rothbart, Bates & Bates, 1998), embora nem todos os autores considerem que as fronteiras entre estes dois constructos sejam fáceis de traçar (Goldsmith et al., 1987).

Segundo Derryberry e Reed (1994 cit in McClowry, 2002a, p.3), traduzidos livremente, “o temperamento é um sistema de processamento de informação através do qual nós vemos e interagimos com o mundo, quer alterando as respostas dos outros, quer contribuindo para o nosso próprio desenvolvimento”. Rothbart e colaboradores (1998) definem o temperamento como as diferenças individuais de base constitucional e que se expressam a nível da reactividade emocional, motora, atencional e da auto-regulação. Ainda segundo estes últimos autores, reactividade e auto-regulação são termos abrangentes que incluem processos psicológicos mais específicos dentro do domínio do temperamento, como por exemplo a reactividade negativa.

A maioria dos autores considera que o temperamento é constituído por diferentes dimensões, embora nem sempre estas sejam identificadas da mesma forma. Goldsmith e colaboradores (1987) consideram que os estilos comportamentais são, em parte, determinados pelas diferenças individuais em dimensões como a actividade, flexibilidade, emotividade e ritmicidade. McClowry (1995) baseando-se numa revisão de literatura, identificou quatro dimensões que parecem surgir de forma consistente:

Persistência – que exprime o grau de auto-direcção pessoal que a criança exhibe no cumprimento de tarefas e outras responsabilidades

Reactividade negativa (também descrita como emocionalidade) – que descreve a intensidade e a frequência com que a criança exprime afectos negativos

Aproximação/ retraimento (também descrita como sociabilidade) – que retrata a resposta inicial da criança perante pessoas desconhecidas e novas situações

Actividade – mais relacionada com agitação motora.

A maior parte dos estudos realizados sobre o temperamento tem-se centrado na primeira infância e infância média (Goldsmith et al., 1987; McDevitt & Carey, 1978), embora existam também autores que defendem a sua relevância relativamente a crianças em idade escolar (McClowry, 2002a), na medida em que, durante este período do desenvolvimento, o temperamento vai influenciar as interacções sociais da criança, assim como a sua adaptação aos ambientes familiar (McClowry et al., 1994 cit in McClowry, 1995) e escolar (Rothbart & Jones, 1998).

São vários os estudos que relacionam as várias dimensões do temperamento, com resultados desenvolvimentais ou seja, com a adaptação da criança e adolescente, embora a maioria destes estudos se centre no domínio da psicopatologia (Rothbart et al., 1998). Por esta razão, um instrumento que caracterize o temperamento da criança em idade escolar poderá ser utilizado para identificar como é que o temperamento desta funciona enquanto factor de risco ou protecção relativamente ao seu desenvolvimento psicológico (McClowry, 1995).

Outro tipo de estudos procura identificar perfis ou tipologias que permitam descrever as crianças em função de tipos qualitativamente diferentes, que se caracterizam por uma determinada combinação de dimensões. Desta forma, o temperamento da criança pode ser abordado como um sistema de componentes em interacção, evitando-se reduzi-lo a uma variável ou dimensão isoladas (Robins, Caspi, Moffitt, & Stouthamer-Loeber, 1996).

No âmbito desta abordagem, a teoria mais divulgada tem sido a de Thomas, Chess e Birch, conhecida como sendo a teoria das três constelações e que resultou da investigação denominada *New York Longitudinal Study* (1968 cit in Thomas & Chess, 1977). Segundo estes autores, existem 3 perfis de temperamento, nos quais é possível enquadrar cerca de 60 a 65% das crianças (Thomas & Chess, 1977).

O perfil designado de *Criança Fácil*, descreve as crianças vulgarmente denominadas de fáceis (cerca de 40%) e que são descritas como regulares em termos fisiológicos (padrões alimentares, de sono e de eliminação), que abordam as situações novas com relativo à-vontade, que se adaptam facilmente a mudanças e que possuem um humor moderado, geralmente positivo.

O segundo perfil corresponde às chamadas crianças difíceis, *A Criança Difícil*, inclui uma menor percentagem de crianças (cerca de 10%), que biologicamente são irregulares e que perante situações novas tendem a reagir negativamente, por exemplo, através de choro. Essas crianças demoram mais a adaptar-se a mudanças e necessitam de mais tempo para se habituarem a pessoas que não conhecem ou a novos alimentos. O seu humor é descrito como sendo intenso e basicamente negativo.

Existe ainda um terceiro perfil, a que os autores chamaram *A Criança de adaptação lenta*, que descreve cerca de 15% das crianças, sendo estas caracterizadas por terem reacções negativas de intensidade moderada quando colocadas perante novas situações, embora acabem por as aceitar e mostrar um interesse positivo por estas,

após repetida exposição. Em termos de rotinas biológicas, são mais ou menos regulares.

Existem ainda cerca de 30 a 35% de crianças, que não se encaixam em nenhum destes perfis, apresentando combinações variadas das diferentes dimensões.

Nesta mesma linha, McClowry (2002) realizou um estudo em que, utilizando registos maternos de uma amostra de 833 crianças entre os 4 e os 12 anos de idade, procurou identificar perfis de temperamento. Para desenvolver os perfis, a autora utilizou as dimensões derivadas de um instrumento criado por ela própria, o *School-Age Temperament Inventory – SATI* (1995), que descreveremos na secção seguinte, tendo encontrado quatro perfis de temperamento, os quais permitiram classificar 42% das crianças avaliadas. O primeiro perfil, que denominou de *activação elevada* caracteriza-se por uma saturação das seguintes dimensões: elevada actividade, elevada reactividade negativa e baixa persistência na tarefa. O segundo perfil que McClowry (2002) designou como *cautelosa* inclui elevado retraimento (baixa sociabilidade) e elevada reactividade negativa. O terceiro perfil que a autora denominou de *empreendedor* inclui o tipo de crianças que possui uma baixa actividade, uma baixa reactividade negativa e uma elevada persistência de tarefa. Por fim, o quarto perfil apelidado de *sociável* descreve as crianças que possuem uma elevada sociabilidade e uma baixa reactividade negativa. Ainda baseando-se nos resultados da sua investigação, a autora sugere que os perfis *activação elevada* e *cauteloso* são aqueles que são encarados como desafiantes, enquanto os perfis *empreendedor* e *sociável* são os que incluem as crianças geralmente caracterizadas como fáceis (McClowry, 2002a).

Os métodos utilizados para a avaliação do temperamento têm sido diversos, desde os relatos parentais, a formas de auto-relato e técnicas de observação (McClowry, 2002a). Todas as metodologias possuem vantagens e desvantagens mas a investigação tem mostrado uma maior utilidade dos relatos parentais (Rothbart et al., 1998). Dada a grande exigência de tempo das técnicas de observação, torna-se mais prática a utilização dos relatos parentais quer na área da investigação, quer na própria prática clínica. Por outro lado, os pais geralmente possuem um conhecimento do comportamento da criança que é mais aprofundado e simultaneamente construído a partir de uma multiplicidade de contextos ou situações. Por fim, os vários estudos realizados com recurso a este tipo de metodologia têm demonstrado que existe um grau satisfatório de validade e objectividade nos relatos que os pais fazem acerca do temperamento dos seus filhos (Rothbart et al., 1998).

TEMPERAMENTO E DOENÇA

O temperamento é uma variável que tem sido muito estudada a propósito da doença física e em particular em relação à adaptação à doença crónica na infância. As teorias mais clássicas que procuraram compreender a doença crónica do ponto de

vista psicológico, defendiam que as crianças que sofriam deste tipo da doença eram detentoras de traços temperamentais ou de personalidade que as distinguiam das outras crianças. Dependência, estilo defensivo, alexitimia, angústia, falta de autonomia e neuroticismo foram alguns dos traços utilizados por exemplo para caracterizar as crianças com asma (Creer, 1982).

Actualmente a literatura tende a considerar que os traços temperamentais funcionam como variáveis intermédias no processo que descreve o impacto de uma doença crónica na adaptação psicológica da criança (Benchell & Glasgow, 1997; Wallander & Varni, 1998). Por exemplo, Varni e colaboradores (1989c cit in Wallander & Varni, 1998) estudaram os efeitos directos e interactivos do temperamento da criança e do ambiente familiar no processo de adaptação de crianças com deficiências físicas (em membros), tendo verificado que uma grande emocionalidade predizia uma pior adaptação. Por seu turno, Benchell e Glasgow (1997) investigaram o papel do temperamento na adaptação da criança com diabetes, tendo constatado que o nível de actividade e a flexibilidade/rigidez eram duas dimensões do temperamento que se relacionavam com a percepção dos pais acerca dos problemas comportamentais dos seus filhos, no sentido em que as crianças que apresentavam estilos comportamentais mais flexíveis e níveis de actividade mais baixos eram as que os pais mais relatavam como tendo menos problemas comportamentais. Verificaram ainda que uma outra dimensão do temperamento, a persistência na tarefa, estava associada à competência social, de forma, a que as crianças mais persistentes eram encaradas pelos seus pais como sendo mais socialmente adaptadas, quando comparadas com crianças com outro tipo de temperamento.

Um outro dado que reforça a importância do temperamento nos processos de adaptação às situações de doença deriva da literatura sobre a resiliência, que tem apontado um temperamento dito “sociável” como constituindo um factor protector face às situações de risco em geral (Owen & McCall, 1996; Kimchi & Schaffer, 1990 cit in Sharp & Cowie, 1998; Vinson, 2002; Werner, 1993).

O INSTRUMENTO

O *School-Age Temperament Inventory* (SATI) é um questionário destinado a pais ou cuidadores de crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 11 anos de idade. É composto por 38 itens avaliados numa escala do tipo Likert cujas opções de resposta vão de 1 (nunca) a 5 (sempre), destinados a avaliar quatro dimensões já descritas anteriormente: reactividade negativa (*negative reactivity*), persistência de tarefa (*task persistence*), sociabilidade (*approach/withdrawal*) e actividade (*activity*).

Esta escala demora cerca de 10 minutos a ser preenchida e a sua cotação é obtida para cada uma das dimensões avaliadas, através da soma total das respostas di-

vidida depois pelo respectivo número de itens. Através destes resultados parciais para cada uma das quatro dimensões, torna-se possível obter um perfil de temperamento da criança.

O desenvolvimento deste instrumento partiu de uma revisão de literatura, em que foi identificado um consenso relativamente às dimensões ou factores que compõem o temperamento em crianças em idade escolar, sendo estes aqueles que serviram de base para a sua construção. Este foi testado numa amostra de 435 mães e 228 dos seus cônjuges, tendo a análise factorial dos resultados coincidindo com as dimensões inicialmente identificadas (McClowry, 1995).

As qualidades psicométricas do instrumento foram também avaliadas, havendo dados suficientes para se concluir que o SATI constitui um instrumento fidedigno e válido. A fidelidade foi analisada através do coeficiente alpha de Cronbach, para o qual foram obtidos valores entre 0,85 e 0,90, tanto para os relatos das mães como para os dos pais e ainda através do procedimento teste-reteste apenas para os relatos das mães, utilizando-se um intervalo de 4 a 6 meses, em que foram encontradas correlações na ordem dos 0,80 a 0,90 (McClowry, 1995).

A validade também foi avaliada, nomeadamente a validade de constructo das quatro dimensões (reactividade negativa, persistência de tarefa, sociabilidade e actividade), através de uma análise factorial exploratória com rotação varimax, tendo a variância explicada encontrada sido de 72% para os 4 factores (McClowry, 1995). Foi ainda estudada a validade convergente através de uma comparação com resultados obtidos com um outro instrumento de avaliação do temperamento, a *Temperament Battery for Children-Revised* (Presley & Martin, 1994 cit in McClowry, 1995). As correlações encontradas entre dimensões semelhantes variaram entre 0,67 e 0,87.

O SATI foi posteriormente reavaliada em termos das suas qualidades psicométricas, com três amostras diferentes de pais de crianças e adolescentes com idades compreendidas entre os 8 e os 14 anos de idade e de origens sócio-culturais diferentes (duas das amostras eram de origem Norte-americana e uma Australiana), tendo sido encontrados resultados que confirmaram a validade e fidelidade do instrumento (McClowry, Halverson, & Sanson, 2003).

Apesar de o SATI ter sido inicialmente desenvolvida para crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 11 anos, a autora concluiu deste estudo que o instrumento era igualmente aplicável até aos 14 anos (McClowry et al., 2003).

MÉTODO

Participantes

O SATI foi aplicado a uma amostra de encarregados de educação (pais e mães) de 211 crianças pertencentes a duas escolas da área do Grande Porto, uma pública e uma privada. A maioria dos questionários foi preenchida pela mãe da criança (n =

157, 74,4%), sendo os restantes ou preenchidos pelo pai ($n = 44$, 29,9%) ou pelas duas figuras parentais ($n = 10$, 4,7%). As 211 crianças, distribuídas igualmente pelo sexo masculino e sexo feminino, tinham idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos de idade, com uma média de idade de 9,75 como se pode verificar no Quadro 1.

Quadro 1

Distribuição em função do sexo e da idade

		N (N = 211)	%
Sexo	Masculino	104	49.3
	Feminino	107	50.7
Idade	8	50	23.7
	9	46	21.8
	10	52	24.6
	11	32	15.2
	12	31	14.7

Procedimento

As instituições escolares foram contactadas através do seu Conselho Executivo e após terem concordado participar no estudo, foi-lhes pedido que autorizassem a colaboração dos técnicos do Serviço de Psicologia e Orientação Vocacional, os quais seleccionaram as turmas de forma assegurar uma distribuição mais homogénea ao longo das idades. Os questionários foram entregues aos pais directamente (em situações em que estavam agendadas reuniões por motivos pedagógicos) ou através das crianças, às quais tinham sido distribuídos pelos técnicos do Serviço de Psicologia do respectivo estabelecimento de ensino.

Elaboração da versão portuguesa

A autorização para a adaptação do instrumento foi obtida junto da autora. O inventário foi traduzido da língua original - Inglês Americano para Português por dois técnicos da área da Psicologia e com domínio da Língua Inglesa e posteriormente submetido a uma retro-tradução, desta vez por um terceiro técnico com habilitações semelhantes aos anteriores. Depois de enviado à autora e aprovado, o inventário foi posteriormente analisado, em termos de equivalência conceptual e linguística, tendo participado neste processo 3 técnicos, uma da área da Língua Portuguesa e dois da área da Psicologia e da Consulta Psicológica com Crianças. Para a elaboração da versão final do instrumento (instruções, itens e opções de resposta) foram assim consideradas todas as informações prove-

nientes dos técnicos anteriormente referidos relativas a possíveis questões de dificuldade de compreensão, ambiguidades e interpretação, que decorreram sobretudo da opinião dos peritos em Psicologia, com base em considerações desenvolvimentais.

Depois de se terem introduzido as alterações sugeridas pelos procedimentos anteriormente descritos, passou-se à aplicação do instrumento para analisar as características psicométricas do inventário.

RESULTADOS

Propriedades Psicométricas do SATI

Para o estudo das características psicométricas do instrumento, para além das análises descritivas (médias e desvios padrão) utilizou-se a análise da validade de constructo (mais especificamente validade factorial) e para a análise da fidelidade, o cálculo da consistência interna (através do cálculo do coeficiente alpha de Cronbach). Para a análise da fidelidade dos itens foi ainda realizado da correlação entre os itens de cada sub-escala e o respectivo sub-total.

Para estudar a validade de constructo do inventário foi feita uma análise factorial exploratória, utilizando o método de análise de componentes principais com transformação ortogonal varimax (do SPSS). Uma vez que segundo a autora da versão original, se trata de um instrumento com 4 dimensões, era esperado encontrar-se a presença de 4 factores, pelo que se começou por seleccionar esta solução. Os resultados obtidos confirmaram a distribuição de todos os itens por 4 factores, consistentemente interpretáveis e convergentes com as dimensões do constructo original e que denominamos Reactividade Negativa, Persistência de Tarefa, Sociabilidade e Actividade, como se pode verificar no Quadro 2.

A inclusão dos itens num determinado factor foi realizada utilizando um critério de saturação igual ou superior a 0,35. Todos os itens cumpriram este critério com excepção do item número 27, que saturou no factor 3 apenas com 0,297. McClowry (1995) utilizou como critério a saturação igual ou superior a 0,50 e, no nosso estudo, uma grande maioria dos itens obedece também a esta condição. Nos casos em que um item saturava mais do que um factor (ou seja, os itens 19, 32 e 37) optou-se por incluí-lo no factor onde o valor de saturação era mais elevado, à semelhança do procedimento usado por McClowry no seu estudo original (1995) e em estudos posteriores do inventário (McClowry et al., 2003).

A fidelidade foi calculada através da consistência interna para cada uma das sub-escalas. Os coeficientes alfa de Cronbach para as sub-escalas foram de 0,87 para a sub-escala de Reactividade Negativa, de 0,84 para a sub-escala de Persistência de Tarefa, de 0,82 para a sub-escala de Sociabilidade e de 0,77 para a sub-escala de actividade.

Quadro 2

Análise factorial com rotação varimax

	Factor 1 Reac. Negativa	Factor 2 Pers. Na tarefa	Factor 3 Sociabilidade	Factor 4 Actividade
Q29	.726			
Q17	.703			
Q14	.696			
Q10	.643			
Q2	.618			
Q5	.602			
Q32	.593			(.313)
Q23	.590			
Q33	.588			
Q26	.572			
Q20	.563			
Q37	.468		(.322)	(.265)
Q12	.363			
Q8		.777		
Q16		.762		
Q25		.736		(-.279)
Q6		.695		
Q30		.664		
Q22		.632		
Q36		.615		
Q4		.592		
Q15		.588		
Q18		.582		
Q11		.413		
Q38			.818	
Q21			.792	
Q34			.780	
Q9			.712	
Q31			.638	
Q3			.634	
Q7			.605	
Q27			.297	
Q13				.748
Q24				.724
Q28				.702
Q19		(.316)		.670
Q35				.615
Q1				.378
Valores Próprios	8.288	4.369	2.924	2.104
Variância acumulada (%)	13.98	27.67	38.11	46.54
Variância explicada (%)	13.98	13.69	10.44	8.43

Método de Extração: Análise de Componentes Principais.

Método de Rotação: Varimax com normalização do tipo Kaiser

A Rotação convergiu em 6 iterações

Foi ainda realizada uma análise da fidelidade dos itens através do cálculo da correlação (através do coeficiente de Kendall) entre cada um dos itens que compunha cada uma das sub-escalas (correspondentes aos quatro factores encontrados) e o total dessa mesma sub-escala. Como se pode verificar no Quadro 3, de forma geral, os itens apresentam correlações muito significativas de nível moderado a elevado, com o total da subescala a que pertencem.

Quadro 3

Correlações dos 38 itens com os sub-totais do inventário

	Factor 1 Reac. Negativa	Factor 2 Pers. Na tarefa	Factor 3 Sociabilidade	Factor 4 Actividade
Q29	.633**			
Q17	.549**			
Q14	.595**			
Q10	.510**			
Q2	.504**			
Q5	.527**			
Q32	.568**			
Q23	.547**			
Q33	.464**			
Q26	.474**			
Q20	.412**			
Q37	.448**			
Q12	.366**			
Q8		.632**		
Q16		.577**		
Q25		.655**		
Q6		.590**		
Q30		.592**		
Q22		.499**		
Q36		.534**		
Q4		.543**		
Q15		.566**		
Q18		.524**		
Q11		.663**		
Q38			.663**	
Q21			.697**	
Q34			.614**	
Q9			.593**	
Q31			.556**	
Q3			.538**	
Q7			.448**	
Q27			.373**	
Q13				.635**
Q24				.623**
Q28				.599**
Q19				.602**
Q35				.577**
Q1				.343**

** A correlação é significativa a $p < 0.01$

Estudo do temperamento

Relativamente à caracterização do temperamento e pela análise do Quadro 4 podemos observar que todas as dimensões apresentam valores médios acima do ponto médio da escala correspondente, sendo a persistência na tarefa aquela que apresenta o valor mais elevado e a sociabilidade o valor mais baixo. É de relembrar que esta última escala se encontra inversamente cotada, pelo que o valor exprime na verdade, o grau de retraimento.

Comparando ainda os nossos resultados com os obtidos por McClowry (1995), verificamos que são muito semelhantes à excepção da dimensão reactividade negativa, que é ligeiramente inferior na amostra portuguesa.

Quadro 4

Medidas descritivas relativas às dimensões do temperamento na amostra Portuguesa e na amostra original

	Amostra Portuguesa		Amostra original	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Reactividade Negativa	2.76	.66	3.09	.74
Persistência na Tarefa	3.75	.73	3.60	.72
Sociabilidade	2.39	.74	2.47	.74
Actividade	2.75	.33	2.73	.80

Influência da idade e do género

Tal como no estudo de McClowry (1995) foi feito um estudo da influência da idade e do género nas dimensões do temperamento. Para tal foram realizadas análises de variância (ANOVA) para os diferentes factores em separado (ver Quadro 5).

Quadro 5

Resultados nas subescalas/dimensões do SATI em função da idade e género

Dimensões	Idade						Género					
	8	9	10	11	12	Total	F	p	Fem.	Total	F	p
<i>Reac.Negativa</i>							.56	.70			1.95	.164
<i>M</i>	2.83	2.79	2.76	2.70	2.63	2.76			2.70	2.76		
<i>DP</i>	.66	.60	.65	.70	.72	.66			.69	.66		
<i>Pers. Tarefa</i>							1.26	.29			2.93	.089
<i>M</i>	3.73	3.62	3.71	3.94	3.88	3.75			3.83	3.75		
<i>DP</i>	.76	.72	.70	.81	.62	.73			.61	.73		
<i>Sociabilidade</i>							2.02	.94			3.24	.073
<i>M</i>	2.37	2.17	2.53	2.41	2.51	2.39			2.31	2.39		
<i>DP</i>	.71	.63	.61	.72	.75	.68			.61	.68		
<i>Actividade</i>							0.66	.62			4.61	.033
<i>M</i>	2.81	2.73	2.82	2.57	2.77	2.75			2.65	2.75		
<i>DP</i>	.77	.80	.67	.70	.79	.74			.72	.74		

Relativamente à idade, os resultados indicam que esta não parece ter influência em nenhuma das dimensões avaliadas. Já em relação ao sexo, este parece ter um efeito a nível da dimensão actividade, no sentido em que os rapazes revelam maior actividade do que as raparigas, resultado que vai de encontro aos de McClowry (1995). Não foram encontradas diferenças significativas nas restantes dimensões em função do sexo dos sujeitos.

Perfis de Temperamento

Para a identificação de perfis de temperamento, as dimensões derivadas do SATI foram submetidas a uma análise factorial de segunda ordem, com rotação varimax. Este foi também o procedimento utilizado por McClowry (2002), com o objectivo de maximizar a possibilidade de identificar factores distintos.

Seguindo também os critérios utilizados por McClowry (2002), apenas foram interpretadas saturações superiores a 0,40, tendo sido extraídos dois factores de segunda ordem, que explicam uma variância total de 39,1%. O factor 1 agrupa 3 dimensões com as seguintes saturações: elevada reactividade negativa ($r=0,604$), baixa persistência de tarefa ($r=0,631$) e elevada actividade ($r=0,582$). O factor 2 caracteriza-se pela saturação de apenas duas dimensões: elevado retraimento ($r=0,527$) e elevada reactividade negativa ($r=0,426$).

Estes perfis correspondem aos encontrados por McClowry (2002), os quais a autora denominou de Activação elevada e de Cauteloso, respectivamente. Tal como no estudo de McClowry, para definir em cada dimensão o que é um resultado elevado e um resultado baixo, dividimos os resultados em 3 grupos usando os percentis 33 e 66. O terço superior foi chamado de “elevado” e o inferior de “baixo”. No Quadro 6 estão indicados os valores correspondentes aos percentis assim como as médias e desvios padrão da amostra total para cada uma das dimensões.

Quadro 6

Valores correspondentes aos percentis e médias e desvios padrão da amostra total para cada uma das dimensões

	React.negativa	Pers.tarefa	Sociabilidade.	Actividade
Percent.33	2.39	3.46	2.12	2.33
Percent.66	3.08	4.09	2.63	3.00
<i>M</i>	2.76	3.75	2.39	2.75
<i>DP</i>	.66	.73	.69	.74

McClowry (2002) também considerou os perfis opostos destes, que correspondem a valores inversos nas mesmas dimensões e que designou como Empreendedor (baixa actividade, baixa reactividade negativa e elevada persistência de tarefa) e Sociável (elevada sociabilidade e baixa reactividade negativa).

Foi a partir destes resultados que calculámos o número (frequência) de sujeitos em cada um dos perfis. Vinte e nove por cento das crianças ($n=61$) foram classifica-

das pelos quatro perfis: 9,5% no perfil Activação Elevada, 5,7% no perfil Cauteloso, 7,6% no perfil Empreendedor e 3,8% no perfil Sociável. Apenas 5 crianças obtiveram resultados que as incluem simultaneamente em dois tipos de perfil: 2 (0,95%) nos perfis Activação elevada e Cauteloso e 3 (1,42%) nos perfis Empreendedor e Sociável.

DISCUSSÃO

De uma forma geral, a versão portuguesa do SATI parece ser um instrumento com boas qualidades psicométricas e que se aproximam bastante das encontradas quer no estudo realizado durante o desenvolvimento do inventário, quer em avaliações posteriores (McClowry et al., 2003). Os valores encontrados de alfa de Cronbach para as diferentes sub-escalas mostram que o instrumento é fidedigno.

A versão portuguesa reproduz a mesma estrutura factorial e uma igual distribuição dos itens pelas quatro dimensões do temperamento. A interpretação dos factores é equivalente à proposta pela autora, podendo dizer-se que o temperamento nestas idades comporta quatro dimensões distintas.

A dimensão reactividade negativa, definida pelos itens que saturam no factor 1 (2,5,10,12,14,17,20,23,26,29,32,33 e 37) traduz a intensidade e a frequência com que a criança tem reacções afectivas negativas, tais como choro, gritos, expressões de frustração e de fúria. Relativamente à estrutura factorial inicial, no nosso estudo há uma diferença na composição deste factor que se refere à inclusão do item 12 (parece ficar nervoso(a) ou ansioso(a) em situações novas, tais como visitas a parentes, novos amigos ou colegas), que segundo McClowry (1995) seria antes revelador da dimensão sociabilidade (invertido). Entre as possíveis explicações para este facto podemos apontar alguma imprecisão na tradução, que pode ter destacado mais a reacção afectiva do que propriamente o estímulo que a desencadeia ou a existência de diferenças de ordem cultural que se exprimem em hábitos sociais mais ou menos comuns em determinadas culturas. A visita a familiares pode ser um acontecimento mais comum entre a nossa população e daí que possa funcionar menos como estímulo à avaliação da resposta da criança a novas situações. Uma outra diferença em relação aos dados do estudo original do Inventário, é que de uma forma geral as médias dos nossos resultados para esta dimensão são menos elevadas do que os obtidos pela autora, o que poderá revelar mais uma vez diferenças de temperamento com base em processos de socialização distintos, que parecem resultar em reacções mais adaptadas (ou controladas) das crianças portuguesas.

O factor 2, que exprime a dimensão persistência na tarefa, inclui os mesmos itens propostos por McClowry (1995), ou seja, os itens 4,6,8,11,15,16,18,22,25,30 e 36. Caracteriza o grau de orientação para a tarefa que a criança possui e está próximo do que alguns autores denominam impulsividade - auto-controlo. A dimensão sociabilidade, representada pelo factor 3, descreve as respostas sociais da criança,

mais especificamente as suas respostas iniciais quando confrontada com situações ou pessoas que não lhe são familiares. Com excepção do item 12, que como foi já mencionado anteriormente, no nosso estudo passou a fazer parte do factor 1, todos os outros itens que saturam nesta dimensão correspondem ao previsto pela autora e são os seguintes: 3,7,9,21,27,31,34,e 38.

Por fim, o quarto factor, que representa a dimensão que McClowry (1995) denominou de Actividade, é definido pelos seguintes itens: 1,13,19,24,28 e 35. Esta dimensão é expressão da forma como a criança despende e exhibe a sua tendência para a actividade motora.

Para além da caracterização do temperamento na amostra estudada, foi ainda estudada a hipótese de existir um efeito da idade e do sexo nos resultados em cada uma das dimensões. Esta hipótese não se verificou no que diz respeito à idade, para nenhuma das dimensões. Em contraste, McClowry (1995) encontrou diferenças significativas na dimensão actividade entre as crianças de 8 anos e as de 10 e 11 anos, no sentido em que as mais novas revelavam possuir um maior nível de actividade do que as mais velhas. A inexistência de um efeito da idade nos nossos resultados, sugere que uma vez que existe uma certa consistência na expressão das dimensões avaliadas, este instrumento pode ser utilizado para estudos longitudinais, onde se procure estudar a relação do temperamento com índices de adaptação psicológica.

Relativamente ao sexo, os nossos resultados revelaram a existência de uma diferença significativa entre rapazes e raparigas na dimensão actividade, apresentando os rapazes maior actividade do que as meninas, o que vai de encontro aos estudos de McClowry (1995) e de McClowry e colaboradores (2003). Estes últimos estudos encontraram também diferenças entre meninos e meninas relativamente à persistência na tarefa (sendo as meninas mais persistentes do que os rapazes), diferença que embora tendencial, não é estatisticamente significativa nas crianças da amostra Portuguesa.

Por fim, tal como a autora do instrumento, procurámos, a partir dos resultados do nosso estudo identificar perfis de temperamento. Seguindo a mesma metodologia de McClowry (2002, 2002a), encontrámos resultados semelhantes aos seus, tendo sido identificados os mesmos 4 perfis resultantes da combinação dos factores extraídos na análise factorial de segunda ordem.

A adaptação do inventário de temperamento para crianças em idade escolar – SATI parece ter dado origem a um instrumento válido, que poderá servir de suporte à avaliação do temperamento em crianças portuguesas com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos.

O interesse de um instrumento válido e fiável para a avaliação do temperamento prende-se com o facto de este estar relacionado com a adaptação psicossocial da criança (Rothbart & Bates, 1998) e assim, ser utilizado para estudar como é que este poderá funcionar como factor de risco ou protecção em termos de adaptação psicológica (McClowry, 1995). O SATI contribui para consolidar a hipótese teórica de que existem quatro dimensões fundamentais do temperamento, conceptual e empiricamente distintas: reactividade negativa, persistência na tarefa, sociabilidade e actividade. A avalia-

ção da criança em cada uma destas dimensões fornece dados importantes para a investigação e para a intervenção, quer no plano da prevenção, quer para desenhar estratégias de apoio bem direccionadas em casos de desadaptação psicossocial, por exemplo, associadas à presença de uma doença crónica. Neste sentido, também a possibilidade de avaliar perfis se reveste de um interesse especial, porquanto parece reflectir a realidade complexa do temperamento e poderá servir como uma orientação útil no domínio da intervenção clínica. Seguindo o conceito de “Goodness of fit” (Thomas & Chess, 1977), os perfis poderão servir para intervir junto dos pais e educadores em geral no sentido de os orientarem a adaptarem as suas práticas educativas às características comportamentais das suas crianças (McClowry, 2002b). Esta estratégia pode servir para promover um melhor desenvolvimento em geral e inclusive para dar resposta a algumas situações clínicas no domínio da saúde infantil.

A consistência dos resultados de adaptação deste instrumento reforça o seu interesse para a investigação do temperamento e do seu papel na adaptação psicológica das crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

- Benchell, J., & Glasgow, A. (1997). The Role of temperament in children with insulin-dependent diabetes mellitus. *Journal of Pediatric Psychology*, 22(6), 795-809.
- Carranza, J. A., & Salinas, C. G. (2003). *Temperamento en la infancia: Aspectos conceptuales básicos*. Barcelona: Ariel Psicología.
- Creer, T. L. (1982). Asthma. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 50(6), 912-921.
- Goldsmith, H., Buss, A., Plomin, R., Rothbart, M., Thomas, A., Chess, S., et al. (1987). Roundtable: What is temperament? Four approaches. *Child Development*, 58, 505-529.
- McClowry, S. G. (1995). The development of the School-Age Temperament Inventory. *Merrill Palmer Quarterly*, 41(3), 271-285.
- McClowry, S. G. (2002a). The temperament profiles of school age children. *Journal of Pediatric Nursing*, 17(1), 3-10.
- McClowry, S. G. (2002b). Transforming temperament profiles into puppets and other visual media. *Journal of Pediatric Nursing*, 17(1), 11-17.
- McClowry, S. G., Halverson, C., & Sanson, A. (2003). A Re-examination of the validity and reliability of the School-Age Temperament Inventory. *Nursing Research*, 52(3), 176-182.
- McDevitt, S., & Carey, W. (1978). The measurement of temperament in 3-7 year old children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 19, 245-253.
- Owens, E., & McCall, R. (1996). Resilient children: Factors that protect against psychosocial stressors. *Developments Newsletter of the Office of Child Development*. University of Pittsburgh. Consultado a 18 de Abril de 2000 em <http://sohe.wisc.edu/fampolicy/developments.htm>.
- Robins, R. W., Caspi, A., Moffitt, T. E., & Stouthamer-Loeber, M. (1996). Resilient, over-controlled, and undercontrolled boys: Three replicable personality types. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 157-171.

Rothbart, M., Bates, & Bates, J. (1998). Temperament. In W. Damon & N. Eisenberg (Eds), *Handbook of child psychology: Social, emotional and personality development* (pp.105-164). New York: John Willey & Sons.

Rothbart, M., & Jones, L. B. (1998). Temperament, self-regulation, and education. *School Psychology Review*, 27, 479-491.

Sharp, S., & Cowie, H. (1998). *Counselling and supporting children in distress*. London: Sage.

Thomas, A., & Chess. (1977). *Temperament and development*. New York: Brinner/Mazel.

Velez, C. N., Johnson, & Cohen, P. (1989). A longitudinal analysis of selected risk factors of childhood psychopathology. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 28, 861-864.

Vinson, J. A. (2002). Children with asthma: Initial development of the child resilience model. *Pediatric Nursing*, 28(2), 149-158.

Wallander, J., & Varni, J. (1998). Effects of pediatric physical disorders on child and family adjustment. *Journal Child Psychology Psychiatry*, 39(1), 29-46.

Werner, E. E. (1993). Risk, resilience and recovery: Perspectives from the Kuai Longitudinal Study. *Development and Psychopathology*, 5, 503-515.